

IDENTIDADES DE JOVENS QUILOMBOLAS: REGISTROS DE UMA ETNOGRAFIA

IDENTITIES OF YOUNG QUILOMBOLAS: RECORDS OF A ETHNOGRAPHY



Vol.9 nº 17 jan./jun.2014
p. 127-137

Lígia Marise Lima Costa¹

RESUMO: Procuramos neste artigo tecer considerações sobre a ida de uma “Marinheira de Primeira Viagem” ao campo para realizar pesquisas para sua dissertação de mestrado. Desta forma relatamos os principais problemas enfrentados, os medos e anseios, bem como os resultados obtidos. A empreitada enfrentada pela autora diz respeito à busca para tentar compreender a constituição identitária de jovens alunos do ensino médio, moradores de uma comunidade remanescente de quilombo e a contribuição da instituição escolar para a construção de tais identidades. A pesquisa ocorreu em duas comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, uma onde se localizava a escola e a outra onde viviam os jovens alunos pesquisados.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia; Identidades; Jovens Quilombolas;

ABSTRACT: We seek in this article to comment on the way a "Seaman First Timer" to the field to conduct research for his dissertation. Thus we report the main problems, fears and anxieties, and the results obtained. The contract faced by the author concerns the quest to try to understand the identity formation of young high school students, residents of a remaining Quilombo community and the contribution of the school to construct such identities. The research took place in two rural communities Jequitinhonha Valley, one where the school was located and where they lived another young students surveyed.

KEYWORDS: Ethnography; Identity, Youth Quilombolas;

¹Mestre em Educação pela PUC-Minas. Professora de História da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e da Rede Pitágoras. ligiahistoria@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta da experiência de uma etnografia desenvolvida para uma pesquisa de mestrado no qual procuramos entender como se davam as construções identitárias de jovens alunos do ensino médio, moradores de uma comunidade

remanescente de quilombo. Nesta empreitada e para aprofundar nosso conhecimento sobre tais jovens e seus modos de interagir, tanto na escola, como na comunidade onde viviam, mudamos para o campo de investigação. Colocamos em foco processos históricos e culturais numa perspectiva diacrônica e sincrônica, compreendendo que conteúdos do passado poderiam se fazer presentes em diálogo com a realidade em curso, no período em que nela mergulhamos para observá-la, descrevê-la e interpretá-la no processo da pesquisa. Desta forma, estabelecemos necessariamente um diálogo com a antropologia, tendo como âncora seu trabalho de campo. Entendemos que o trabalho de campo consiste-se,

basicamente de um modo de buscar novos dados sem nenhuma intermediação de outras consciências, sejam elas as dos cronistas, dos viajantes, dos historiadores ou dos missionários que andaram antes pela mesma área ou região. (DAMATTA, 1987, p. 146).

Foi pensando como DaMatta, que nos embrenhamos pelos sertões mineiros, no qual, entre a primeira visita – julho de 2010 e a última, dezembro de 2011 – se passaram 17 meses, sendo que, durante cinco meses a autora morou no local onde se localizava a Escola onde estudavam os sujeitos.

Neste tempo de estada no campo foi possível ainda visitar diversas comunidades rurais da região, especialmente a comunidade Quilombo, onde vivia os nossos sujeitos. Em inúmeras visitas a esta comunidade foi possível observar atentamente a rotina dos jovens, seus modos de sociabilidades, bem como participar da festividade mais tradicional da região- A Festa de Bom Jesus do Quilombo. Dessa maneira, outro objetivo de nossa pesquisa foi contribuir para dar visibilidade às comunidades quilombolas, como espaços de resistência e preservação no sentido do fortalecimento da cultura e tradições dos grupos locais.

A escola fica localizada no Distrito de Ribeirão da Folha, distante cerca de 35 km da comunidade Quilombo, onde tais jovens residiam. Os dois povoados são rurais e se localizam a 75 km da cidade ao qual pertencem: Minas Novas, no baixo Vale do Jequitinhonha.

Mapa 01 – Localização das Comunidades Estudadas no Município de Minas Novas



Fonte: Elaborado por Ludimila de Miranda Rodrigues, 2012.

Para não perder nem um dado considerado importante para o trabalho, todas as observações foram anotadas no “bom e velho caderno de campo”, que, conforme explica Magnani, é um “equipamento indispensável na mochila do etnógrafo, seja ele marinheiro de primeira viagem ou velho lobo do mar”, (1997, p. 03). Nosso objetivo neste artigo é fazer algumas considerações de como foi a ida de uma “Marinheira de Primeira Viagem” ao campo, os problemas enfrentados, os medos e anseios, bem como os resultados que obtivemos.

Nosso trabalho foi na área da Educação, mas manteve estreitas fronteiras com a História e a Antropologia, sendo nesta última ciência o nosso embasamento teórico e metodológico, portanto é importante tecermos algumas considerações sobre estes diálogos disciplinares.

EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Trabalhar com educação é procurar estabelecer constantes conversas com outras ciências, da mesma maneira que trabalhar com a história ou antropologia, também exige do estudioso esta postura de interdisciplinaridade. Ao tentar entender como são constituídas as identidades de jovens, cujas vivências são bem demarcadas na comunidade remanescente de quilombo onde vivem, e, em suas dinâmicas de escolarização, o propósito foi tecer um diálogo entre essas três áreas.

A História serviu como guia, uma vez que tentamos identificar através dela, a história do município de Minas Novas, bem como, a trajetória do povo negro no Brasil, suas lutas e resistências, como por exemplo, a formação dos primeiros quilombos. Nessas lutas e resistências até os dias atuais, procuramos identificar o papel ocupado pela educação.

No que se refere à Antropologia, dialogando sempre com a História e com a Educação, buscamos nesta ciência alguns conceitos fundamentais para embasar a pesquisa. Se o principal objeto da antropologia é a cultura de um determinado povo, em seus variados aspectos: valores, identidades, ideologias, sentimentos, maneiras de pensar, agir, representar, interações etc., então, podemos afirmar que existe uma estreita relação entre esta ciência e a educação, como explica Brandão, citado por Rocha e Tosta,

[...] educação é – como tudo o mais que é humano e é criação de seres humanos – uma dimensão, uma esfera interativa e interligada com outras, um elo ou uma trama (no bom sentido da palavra) na teia de símbolos e saberes, de sentidos e significados, como também de códigos, de instituições que configuram uma cultura, uma pluralidade interconectada (não raro, entre acordos e conflitos) de culturas e entre culturas, situadas em uma ou entre várias sociedades. (BRANDÃO, apud ROCHA; TOSTA, 2009, p. 12).

Portanto, a educação como criação do homem e onde ele é criado, é dessa forma, um campo que também deve ser estudado pela antropologia, uma vez que, de acordo com Rocha e Tosta (2009, p. 17), “a antropologia é uma forma de educação, bem como a educação só é possível como prática antropológica”. Sendo assim, para compreender as interações entre os nossos sujeitos nesta investigação, entre estes e a escola ou a comunidade sob a ótica da antropologia foi de fundamental importância o entendimento desses sujeitos como atores de suas próprias culturas, procurando perceber os significados por eles atribuídos a diversas questões, como, por exemplo, a suas identidades, suas relações com a escola, com a mídia, dentre outras instâncias que emolduram sua vida.

Segundo Rocha e Tosta, (2009, p. 45) foi a partir da primeira guerra, que a antropologia passou a se interessar por temas como a criança e a educação. Clarice Cohn nos diz que, “uma antropologia da criança pode ser desde aquela que analisa o que significa ser criança em outras culturas e sociedades até aquela que fala das que vivem em um grande centro urbano” (2005, p.8). Ao se dedicar ao estudo da criança em seu contexto social e cultural é que a antropologia abraça

também a educação, alcançando assim, a instituição escolar. Lugar este, propício para entender as significações culturais tanto das crianças, como também dos adolescentes e jovens que interagem em seu interior. Procuramos, então, realizar a pesquisa enfocando a antropologia, a história e a educação, tendo como referente para esse diálogo, a compreensão de como são constituídas as identidades de um grupo específico de jovens, a partir dos modos como se inserem e interagem nas culturas onde habitam.

A CHEGADA AO CAMPO DE PESQUISA

A Escola Jequi, onde realizamos parte das observações e onde estudam os sujeitos desta pesquisa, fica localizada no distrito de Ribeirão da Folha. A estrada que liga Minas Novas até Ribeirão é de terra, com muitos buracos. O ônibus sai da rodoviária às 13h30min, e chega até seu destino por volta de 16h30min. O calor assusta os visitantes, mas, durante o percurso o clima fica mais ameno, por causa dos extensos quilômetros de plantações de eucalipto. Além do eucalipto, a vegetação que podemos visualizar pela janela do ônibus é o cerrado, com suas árvores retorcidas, notadamente uma enorme quantidade de pequizeiros, árvore típica da região. Cruzamos alguns córregos e rios, entre eles o Rio Capivari, que, em época de pouca chuva, fica quase seco. As casas durante o percurso são escassas e muito distantes umas das outras. É bem parecido com o que Guimarães Rosa descreve em Grande Sertão Veredas:

Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; [...]. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte. (2001, p. 24)

O ônibus faz muitas paradas para que as pessoas possam descer; é quando, olhando pela janela podemos ver alguém no “ponto”, com um burro ou mula, estes com balaios pendurados, esperando para levar a bagagem, possivelmente compras que foram feitas na cidade. Quando nos aproximamos de Ribeirão que fica lá em baixo, para quem está vindo das cidades, a primeira coisa que visualizamos no alto do povoado é a Igreja de Bom Jesus, como se estivesse ali para desejar boas vindas para os que chegam, já cansados da longa e empoeirada viagem.

Os ônibus, tanto o de Minas Novas como o de Capelinha, param na praça, em frente à escola. No momento em que eles chegam, as pessoas saem às janelas ou nas portas de suas casas para ver quem ou o que de novidade eles trazem. As portas das “vendas” ficam cheias de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Todos curiosos, observando atentamente o que se passa. Diante de tal movimentação, as meninas ficam eufóricas, conversam baixinho, cochicham, especialmente quando um moço que não é do lugar, que não é conhecido, ou seja, um estranho para elas chega em um dos ônibus. Mas, no geral, qualquer pessoa assim que chega a Ribeirão, é observada. É como se elas se perguntassem assim: Quem é? De onde vem? Fazer o que? Eu mesma, conhecida ou não, fui observada.

Ribeirão da Folha foi elevado à condição de Distrito, de acordo com a Lei Municipal nº 1297 de 14 de agosto de 2002, (MINAS NOVAS, 2011), e possui 122 casas. A escola estadual é a única, mas, uma escola municipal que funciona em uma casa alugada e semi-adaptada, oferece a educação infantil no lugar. O povoado possui uma quadra para a prática de futebol, que serve também para as aulas de educação física, pois a escola não possui uma quadra própria.

O distrito não possui rede de esgoto e água tratada, além disso, enfrenta o histórico problema da migração para outros lugares. Dezenas de pais de família são obrigados a migrarem para os cortes de cana, no interior de São Paulo principalmente, ficando por lá aproximadamente oito meses por ano. É comum também o fato de moças migrarem para trabalhar como domésticas, neste caso, segundo Durham, as famílias ricas contratam “empregadas do interior,

quer através de parentes que possuam na região, quer pessoalmente, durante visitas, quer através de outras domésticas.” (1984, p. 132). Muitas vezes essas jovens são mães solteiras, assim, quando conseguem emprego, enviam para suas famílias do interior uma parte do que ganham para ajudar no sustento de seus filhos. Há ainda, muitas famílias que sobrevivem dos benefícios sociais advindos do governo federal, como o bolsa-família, por exemplo.

Foi neste ambiente que mergulhamos reflexivamente durante praticamente 05 meses para compreender a constituição identitária dos jovens alunos que serviram como objeto para nossa pesquisa.

No final do ano de 2010 mudei-me para Ribeirão da Folha para realizar as pesquisas de campo para minha dissertação. De acordo com DaMatta, “o trabalho de campo [...] implica na possibilidade de redescobrir novas formas de relacionamento social, por meio de uma socialização controlada.” (1987, p. 152). Dessa forma, tive que reaprender a viver na zona rural, após quinze anos morando em cidades variadas. Tive que reaprender a conviver com as pessoas que ali moravam e com seus costumes. Foi realmente uma “socialização controlada”, onde eu observava e era também constantemente observada. Não só pelos moradores do lugar, mas pelos alunos da escola e, também, pelos professores, independentemente dos turnos.

Durante os meses que fiquei no campo procurei ocupar meu tempo. De dia busquei fazer novas leituras e refazer as leituras já realizadas. Visitei várias famílias do lugar e, comunidades vizinhas. A partir do início do ano letivo, fevereiro, ia para a escola todos os dias, a partir das 17h00min e lá permanecia até às 21h40min, horário de término das aulas.

As noites em Ribeirão da Folha foram os momentos mais difíceis de enfrentar. Acostumada com o barulho constante da cidade grande – no caso Belo Horizonte – que parece não dormir nunca, em Ribeirão eu tive de acostumar-me com o silêncio, que, às vezes, me pareceu insuportável. Era possível ouvir o barulho de um voo solitário de uma coruja durante as madrugadas ou simplesmente não ouvir nada. A casa onde eu estava morando era na Praça, e o quarto que ocupava de frente a rua. Dessa forma, podia ouvir por volta das 04h30min a chegada das pessoas que viajariam para Capelinha ou Minas Novas. Ali elas conversavam sobre assuntos variados, desde o que iam fazer nas cidades até sobre criações de porcos ou galinhas. Algumas vezes riam bastante, pareciam estar contanto piadas. Em dias mais frios elas acendiam uma pequena fogueira em um canto da praça. As 05h00min eu ouvia o barulho dos ônibus estacionando na praça para que as pessoas pudessem entrar e escolher seus lugares. Eles permaneciam ligados até a hora da partida, ou seja, até as 05h30min, segundo os motoristas era para aquecer os motores.

Viver em Ribeirão era bom e, ao mesmo tempo, ruim. Eu me sentia como se estivesse vivendo em um Big Brother, de pesquisadora/observadora passei a condição de observada. É um lugar onde todos sabem sobre a vida de todos. E eles consideram isso trivial. No entanto, mesmo morando no Distrito e convivendo com a gente dali, o trabalho de campo consiste em muito mais que um simples deslocamento de espaço, mais que uma mudança de um lugar para outro, ele

implica num exercício que nos faz mudar o ponto de vista e, com isso, alcançar uma nova visão do homem e da sociedade no movimento que nos leva para fora do nosso próprio mundo, mas que acaba por nos trazer mais para dentro dele. (DAMATTA, 1987, p. 153).

Confesso que durante todos os meses de pesquisa, não foi nada fácil observar com os olhos do nativo, não fazer julgamentos prévios e estranhar sempre o que me era familiar, de modo que, saindo do meu mundo, da minha cidade, dos meus amigos e do meu cotidiano, muitas vezes sentindo-me sozinha e perdida, para perceber-me com novas visões sobre o homem, sobre a sociedade, sobre a educação e a escola, os meninos da pesquisa e outros tantos colegas, enfim, uma nova visão sobre mim mesma.

O QUILOMBO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

A comunidade remanescente de quilombo, denominada Quilombo é onde moravam os sujeitos da pesquisa, e, chegar a ela não era nada fácil. Após quase uma hora e meia de estrada e poeira – tempo gasto de Ribeirão até o Quilombo – passando por plantações de eucalipto, vegetação nativa e pastagens, foi que avistamos as primeiras casas da comunidade. Estas, em sua maioria, ficam distantes umas das outras. Um são de alvenaria, construções recentes, provavelmente feitas com dinheiro do sofrido trabalho nas carvoarias, cafezais, ou do corte de cana no interior de São Paulo. Outras, a maioria, é feita de barro batido e madeira.

O professor que me levou à comunidade serviu-me como “Doc” serviu a Bill em “Sociedade de Esquina” (WHYTE, 2005, p. 293-300). No entanto, não precisamos inventar nomes como se deu na referida pesquisa. Dessa forma, meu “Doc”, ajudou-me nos primeiros contatos com os moradores do Quilombo. No entanto, descobri, com o decorrer da pesquisa, como William Foote White, que minha aceitação na comunidade “dependia das relações pessoais que desenvolvi, muito mais que de qualquer explicação que pudesse dar.” (2005, p. 301), ou de quem me acompanhava à comunidade.

Fomos à casa de dona Maria, líder religiosa da comunidade. A casa de pau a pique, com algumas partes feitas de alvenaria, parecia bem antiga. O piso era de barro. Na cozinha o fogo acolhedor do fogão a lenha. No quintal dois fornos de barro para assar as quitandas. Além de vários “pés de laranja” carregados. Fornos recebidos por ela, e sua família. Também estava na casa, outra moça, casada com um amigo da família que estava trabalhando em São Paulo no corte de cana. Disse-me dona Maria: *“Ela vem pra cá de vez em quando... fica aqui com o menino pra não ficar sozinha em casa, mas em novembro ele chega...”* (dona Maria, moradora.). Relações de apoio e afetividade deste tipo são comuns em comunidades rurais. Segundo Eunice Durham, essas relações são facilitadas pela ausência de diferenciação social e por certa homogeneidade entre os vizinhos, que na maioria das vezes possuem laços de parentesco (1984, p. 76).

Aquela moça certamente é mais uma “viúva de marido vivo”, expressão comum no Vale do Jequitinhonha, comum no sertão das Minas Novas. Refere-se àquelas mulheres em que os homens migram para São Paulo e outras regiões, em busca de trabalho. A partida acontece geralmente no mês de abril e o retorno somente em novembro ou dezembro. Nesse espaço de tempo as mulheres cuidam de tudo, desde a educação dos filhos até o trabalho nas roças, bem como das criações. São mulheres “homens”. Assim, para amenizarem a saudade dos maridos, se abrigam, muitas vezes, nas casas dos pais, sogros, dentre outros parentes, recebendo destes, afeto e apoio. A instituição familiar e vicinal é muito valorizada, as pessoas se amparam mutuamente, tanto nos momentos de alegria e celebrações, quanto nos momentos de tristeza e abandono.

No Quilombo d. Maria é quem cuida dos assuntos religiosos. Próximo à sua casa fica localizada a Igreja de Bom Jesus, o galpão para comemorações e festividades, e a manufatura de farinha. Devido sua importância legitimada pela comunidade é que precisávamos de sua autorização para a realização da pesquisa. Durante nossa conversa na cozinha de sua casa, lugar comum para receber visitas no interior de Minas, onde o calor do fogão de lenha aquece as interações, houve intensa troca de informações: sobre a pesquisa e sobre a comunidade e suas tradições, como a Festa de Bom Jesus, o festejo de maior importância para a comunidade, pela frequência com que surgia nas conversas. Após a nossa conversa, já com o consentimento para realizar a pesquisa com os jovens estudantes moradores do lugar, bem como sobre os aspectos culturais da comunidade, procuramos pelo líder político da comunidade. Foi através dele que obtivemos acesso aos principais documentos do Quilombo.

Segundo os moradores mais antigos a comunidade foi formada há mais de 100 anos, mas eles não souberam precisar a data. Todos os dados obtidos oralmente evidenciam, por um lado, a falta de documentação ou de documentos que, quando encontrados são insuficientes para conhecer a história do lugar. E, por outro, evidencia a forte tradição da oralidade como principal fonte para a transmissão da memória e da história que passa de geração em geração nos grupos populares seja no meio urbano ou rural.

Sobre a origem do nome, um dos documentos encontrados diz que: “esta comunidade foi fundada a mais de 100 anos e tem este nome em virtude de ter sido começada por escravos [...]”. (Associação Quilombola do Quilombo, 2005). O texto é parte dos escritos da própria comunidade, representada pela ASPOQUI – Associação Quilombola de Quilombo, enviado para a Fundação Cultural Palmares – FCP, pedindo o auto-reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo. A certidão de reconhecimento foi emitida pelo órgão através da portaria nº 44 de 30 de novembro de 2005 (BRASIL, 2005). A ASPOQUI, cuja sede é no Quilombo foi constituída como associação legal em outubro de 1996, fazendo parte dela as seguintes comunidades: São Pedro do Alagadiço, Santiago e Capão da Taquara.

O Quilombo possui dezesseis famílias, somando um total de cinquenta e sete pessoas, todas ligadas por laços de parentesco. Sobrevivem da agricultura familiar de subsistência, do trabalho em carvoarias e plantações de eucalipto, ou na maioria das vezes, os homens se deslocam para outras regiões, como São Paulo, Mato Grosso do Sul ou Goiás, para trabalharem no corte de cana ou em outros tipos de serviços, como a construção civil. Contudo, algumas famílias ainda conseguem sobreviver com a produção de artesanato e farinha, herança dos antepassados.

A exemplo de outras comunidades rurais, quilombolas ou não, o Quilombo não possui saneamento básico. A água consumida vem de pequenas nascentes e é encanada até as casas. Não existe posto de saúde e a chegada da energia elétrica foi a seis anos, trazendo benefícios para a vida dos moradores, pois, hoje em dia todos possuem TVs plugadas em antenas parabólicas e rádios. A maioria possui outros eletrodomésticos, como geladeira e liquidificador.

Sobre estas mudanças, Martins diz que “o urbano está no rural, de muitos modos: o rádio, o carro, a antena parabólica, o avião” (2008, p. 150). Assim pensando, a comunidade de Quilombo está inserida nesta modernidade, ao contrário do que algumas pessoas supõem, por ser uma comunidade quilombola, o lugar não se encontra em total isolamento. Apesar da preservação dos costumes e tradições, o Quilombo se encontra num fluxo contínuo com a cidade e faz uso do que é possível desta modernidade, para continuar sobrevivendo.

No que diz respeito à educação formal, a comunidade não conta com nenhuma escola. Para estudar até o nono ano os alunos eram levados para a Fazenda Alagadiço, cerca de quatro quilômetros de distância. É uma fazenda particular, onde estava situada uma escola municipal que funcionava em um prédio da própria fazenda. Nesta primeira experiência com a educação formal, os alunos passam a conviver com colegas e pessoas que não são quilombolas. Desta forma, entram em contato direto com as diferentes culturas que ali se reúnem e ao estabelecerem estas novas relações, podem enfrentar problemas de convivência ou não, associados ao fato de se tratar de uma escola, que apesar de pública se situa em uma área particular.

Há que se perguntar pelos modos como uma escola nesta condição pode construir laços de pertença com sua comunidade interna, considerando que o edifício escolar é um aspecto importante deste processo. Vale ressaltar que neste ano de 2013, quase dois anos após o término da pesquisa, o dono da fazenda não mais permitiu que fosse usado o prédio para a educação. Hoje as turmas estão espalhadas pelas comunidades rurais vizinhas ao Quilombo, situação que o poder público tenta resolver, uma vez que as manutenções e reformas do prédio eram feitas pela prefeitura municipal.

Para dar prosseguimento aos estudos, ou seja, cursar o ensino médio, os alunos vão para Ribeirão da Folha, neste caso, à noite, distante cerca de 35 km, como já foi dito. A prefeitura mantém um ônibus em condições precárias: faltam janelas, poltronas e não possui cinto de segurança. Quando inicia o período de chuvas este transporte é inviabilizado devido à precariedade das estradas. Só não o é totalmente, porque muitos dos alunos vão do jeito que podem, utilizando, por exemplo, cavalos ou motos. Frente a esta situação, detalhadamente narrada por alunos e observada durante a pesquisa de campo, inúmeras indagações se colocaram: que motivações e com que ânimo estes jovens enfrentam estas adversidades para se manterem frequentes à escola? Que implicações esta rotina trás quando se reflete sobre identidades e suas relações com a escola?

Foi neste cenário que localizamos os jovens alunos, dois meninos e duas meninas, com quem dialogamos ao longo da pesquisa: Praia, Luanda, Bissau e Maputo.

ESCOLA: RELAÇÃO POSITIVA OU NEGATIVA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS QUILOMBOLAS

Um prédio antigo que se encontrava em estado de abandono material. Esta era a realidade da Escola pesquisada: ausência de equipamentos, de espaço próprio para recreação, de laboratório de informática e de biblioteca. Soma-se a estes problemas, a frequente falta de professores, os quais, muitas vezes, devido à distância das cidades onde residem não se disponibilizam a lecionar no Distrito. Em toda a região, a escola é a única instituição que oferece o ensino médio, deste modo, adolescentes e jovens chegam de várias comunidades para tentar cursá-lo, enfrentando problemas sérios, como a precariedade do transporte escolar e a falta do mesmo em dias de chuva.

Imersos nestes espaços e tempos tão arraigados pelas péssimas condições de acesso à escola enfrentando duras rotinas para sua permanência, estão nossos sujeitos, jovens moradores do Quilombo. Ao tentar compreender as suas constituições identitárias e o papel da instituição escolar nestas dinâmicas, uma observação é que não se pode desconsiderar tais condições como desfavoráveis à construção de sentimentos de pertença a um lugar, elemento importante quando se trata desta temática identidade.

Constatamos no decorrer da pesquisa que tratar das questões étnico-raciais e da diversidade cultural na escola, ainda tem sido um desafio. Prova disso é o distanciamento da instituição escolar das práticas culturais dos alunos oriundos de comunidades quilombolas. Além do que, os documentos oficiais confirmam este distanciamento, pois em nenhum deles, como por exemplo, o PIP - Plano de Intervenção Pedagógica; o Plano Curricular do ensino médio e Regimento Escolar foi possível encontrar pistas que dizem de questões étnico-raciais ou das culturas destas comunidades.

Após analisar os documentos disponíveis, concluímos que apenas algumas propostas legais eram consideradas pela escola, como nos planos curriculares analisados, onde encontramos a seguinte nota: “o estudo de história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas será integrado aos conteúdos das áreas de conhecimento, conforme lei federal nº 11.645 de 10/03/2008” (ESCOLA JEQUI, p. 02-03). Nota que está presente também no regimento escolar, e que está de acordo com a LDB/1996:

Art. 87 – O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e europeia (ESCOLA JEQUI, 2006, p. 28-29).

Pela análise do que prevê os documentos, inferimos, então, que é delegado à algumas áreas de conhecimento, como História, Literatura e Arte, a responsabilidade de trabalhar conteúdos que dizem das culturas afro-brasileira e dos povos indígenas, quando na verdade, sabemos que a responsabilidade para com tais temáticas é de toda a escola e não apenas de algumas disciplinas. Não obstante, a realidade histórica e cultural quilombola na qual a escola se insere oferece amplas possibilidades para a discussão destas temáticas.

Como explica Gonçalves o ritual pedagógico que exclui tais questões do seu cotidiano, se “legítima na instituição escolar, não por aquilo que é dito, mas por tudo aquilo que silencia” (1987 p. 27). Com efeito, podemos dizer que a escola pesquisada possui um ritual pedagógico que silencia a diversidade das culturas de seus alunos, bem como de suas comunidades de origem, desconhecendo os alunos como sujeitos de direitos e portadores de diferenças.

Contudo, se a escola não valoriza a cultura das comunidades quilombolas, os alunos quilombolas valorizam a escola e a educação. Nossos jovens relataram que a educação ocupa uma

posição única em suas vidas. Segundo eles é por meio da escolarização que poderão alcançar ascensão social. Essa busca pela melhoria das condições de vida via a educação escolar, reflete a luta histórica das populações negras por acesso e condições de permanência nos diferentes níveis de ensino.

O QUE É SER QUILOMBOLA?

O que é ser quilombola? Você se considera como remanescente de quilombo? Estas foram algumas das questões que discutimos com os nossos jovens com o objetivo de entender suas constituições identitárias. Arriscamos a interpretar que as identidades dos nossos jovens sujeitos são formadas, conformadas, afirmadas e ao mesmo tempo negadas dentro de um contexto cultural e em contraste a outras possíveis identidades. Identidades configuradas em um quadro de mobilidades, onde podem mudar de acordo com o contexto onde os sujeitos se inserem e as circunstâncias da qual tomam parte.

Assim, Tosta explica que as identidades, “constituem os sistemas de representação com que as pessoas se percebem umas às outras e passam pelas articulações entre as culturas nas quais estes sujeitos se situam e constroem sua individualidade.” (2011, p. 426). Deste modo, podemos inferir que a forma como um sujeito se identifica e nos modos como identifica o outro, é que se encontram traços de construção de sua própria identidade. Para aprofundar nossos conhecimentos sobre a questão identitária, nos baseamos também nos trabalhos de Oliveira (1976), Hall (2005).

Para entender as identidades dos nossos sujeitos, procuramos identificar marcas comuns em suas falas que remetiam ao pertencimento identitário. Conseguimos identificar em todas as respostas as seguintes marcas: descendência; associação comunitária; festividades e políticas governamentais. Desta forma, uma pessoa com identidade “remanescente de quilombo”, para nossos jovens sujeitos, é aquela portadora de marcas culturais baseadas na descendência, tradição que se mantém e se revivifica através das festas religiosas e costumes relativos à alimentação, à parentela e sua origem geográfica. Também aparece como elemento discursivo a participação na associação comunitária local, conscientes dos benefícios de políticas governamentais de que é dotada.

Ser remanescente de quilombo é ser diferente como princípio de alteridade. Assim entendemos que nossos sujeitos, mesmo circulando por culturas diversas, sendo muitas vezes influenciados pela convivência com pessoas diferentes no distrito para onde vão diariamente estudar e, pela escola que “os negam” e por aqueles que a frequentam, possuem uma identidade étnico-racial quilombola, ou seja, se reconhecem como pessoas remanescentes de quilombo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste artigo tecer considerações sobre a ida de uma “Marinheira de Primeira Viagem” ao campo: duas comunidades rurais do sertão mineiro. Assim, relatamos os principais problemas enfrentados, os medos e anseios, bem como os resultados obtidos. A empreitada enfrentada diz respeito à busca para tentar compreender a constituição identitária de jovens alunos do ensino médio, moradores de uma comunidade remanescente de quilombo e a contribuição da instituição escolar para a construção de tais identidades. Nesta trajetória investigativa, nossa pretensão foi, primeiramente, estabelecer um diálogo sobre questões que envolvem a temática étnico-racial quilombola e não tecer respostas ou receitas prontas e acabadas sobre tal assunto.

De toda forma podemos dizer que nos tempos e espaços de convivência observados, mesmo a escola se distanciando das culturas quilombolas, as relações dos nossos sujeitos com os “outros”, ou seja, colegas, professores, gestores e demais funcionários da escola acontece sem

conflitos, preconceitos ou discriminações. As sociabilidades se dão de maneira mais natural, são menos marcadas pela cor ou ancestralidade, como muito bem apontam Durhan (1984) e Martins (2008). É relevante destacar que apesar da escola não valorizar a cultura das comunidades remanescentes de quilombos, os moradores de tais comunidades, inclusive os jovens, valorizam a escola e a educação como forma de conseguir melhorias individuais e coletivas.

Consideramos neste trabalho que as identidades dos sujeitos são construídas através de processos onde ocorrem transformações individuais e coletivas; as identidades são constituídas a partir das relações existentes entre o sujeito e a sociedade, ou seja, as relações entre o “eu” e o “outro”. Assim, as identidades nunca são fixas, únicas ou estáveis, são identidades em formação, cujo elemento étnico-racial quilombola se faz presente, seja através das festas, da religião, da consciência da cor e da participação nas lutas da comunidade. Tratando-se de constituição identitária de jovens remanescentes de quilombos, ou seja, identidades étnico-raciais quilombolas, o assumirem-se enquanto indivíduo nesta condição significa, segundo Souza, (1990) assumir sua diferença, sua alteridade.

Ao final da experiência etnográfica que tivemos, 17 meses entre a primeira e a última visita ao campo, sendo que, 05 destes a autora morou no Distrito onde se localiza a escola, podemos dizer que nestes tempos e espaços de observação direta foi preciso aprender e colocar em prática a difícil tarefa de sempre transformar o exótico em familiar e transformar o familiar em exótico, como exige-se do pesquisador no campo. Neste movimento, como nos ensinam Rocha e Tosta, “aprender é sempre mais difícil do que ensinar, pois é preciso disposição para reavaliar conceitos, modelos e teorias. É preciso se consentir querer se ‘reeducar’” (2009, p. 18).

Foi assim, me valendo de teorias e procedimentos metodológicos nascidos na antropologia, associados aos conhecimentos da educação e da história, principalmente, que me esforcei por entender esse “outro” – meus jovens alunos – e os processos no qual estavam envolvidos e que poderiam informar sobre a constituição de suas identidades étnico raciais quilombolas, fosse no ambiente escolar, na comunidade onde moram, no distrito onde frequentam, enfim, em suas relações com os “outros” com quem eles interagem cotidianamente. Vale destacar o quanto aprendemos neste demorado percurso etnográfico: fiz-me mais professora, historiadora e pesquisadora. Almejamos, enfim, que este seja apenas o nosso primeiro de muitos outros trabalhos etnográficos. Desvendar e interpretar pessoas e suas culturas acabou me contagiando, hoje acredito que sou mais antropóloga do que necessariamente professora e historiadora.

NOTAS

²Nome fictício.

³Os comércios de alimentos, ou seja, mercearias e pequenos mercados são chamados de “vendas” em Ribeirão da Folha e comunidades adjacentes. Percebi que o mesmo não acontece em relação à outro tipo de comércio, como por exemplo, casas de materiais de construção ou bares.

⁴

Referência ao reality show da Rede Globo de Televisão, onde as pessoas ficam confinadas em uma casa sendo observadas durante 24 horas.

⁵

Doc serviu a Bill “abrindo as portas” para que ele pudesse entrar no Distrito de Cornerville, onde faria sua pesquisa, e, fosse aceito pelos moradores do local, de forma que não fosse um estranho para eles.

⁶

Dados da conversa informal. Pesquisa de campo realizada no Quilombo em 20/07/2010.

⁷

Nomes fictícios que se referem às capitais de quatro países africanos de língua portuguesa. Cabo Verde: Praia; Guiné-Bissau: Bissau; Moçambique: Maputo; Angola: Luanda;

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DO QUILOMBO. **Histórico sobre a comunidade Quilombo**. Minas Novas, 2005. 1f.
BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. Portaria nº 44, de 30 de novembro de

2005. Registra no livro de cadastro geral nº 01 e Certifica que conforme declarações de auto-reconhecimento e os processos em tramitação nesta Fundação Cultural Palmares, as Comunidades a seguir, são remanescente dos quilombos [...] Comunidade de Quilombo, localizada no município de Minas Novas, Estado de Minas Gerais, Livro 005, registro 421, folha 29. **Diário Oficial da União**, Brasília, 06 de dez. 2005. Seção 1.
- COSTA, Ligia Marise. "**Sou Quilombola, Bom Aluno e Bom de Bola**". A constituição identitária de alunos do ensino médio: um estudo histórico antropológico com jovens moradores de uma comunidade remanescente de quilombo do sertão mineiro. Minas Novas-MG. 2012. 273 f. Dissertação (Mestrado) – PUC- Minas, Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- DAMATTA, Roberto. **Relativizando**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. 246 p.
- DURHAN, Eunice. R. **A caminho da cidade**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984. 245
- ESCOLAJEQUI. **Plano Curricular do Ensino Médio**. Minas Novas, 2010. 3 f.
- ESCOLAJEQUI. **Plano de Intervenção Pedagógica**. Minas Novas, 2009. 16 f.
- ESCOLAJEQUI. **Regimento Escolar**. Minas Novas, 2006. 48 f.
- GONÇALVES, Luiz Alberto O. Reflexão sobre a particularidade cultural na educação das crianças negras. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.63, p. 27-29, nov. 1987.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.
- LIMA, Maria Batista. **Mussuca-Laranjeiras, "Lugar de Preto mais Preto"**: Cultura e Educação nos Territórios de Predominância Afrodescendente Sergipanos. 2001. 233f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UERJ, Rio de Janeiro.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. O velho e bom caderno de campo. **Revista Sexta Feira**, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 1, p. 8-12, maio, 1997.
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. 172 p.
- MINAS NOVAS. **Lei Municipal 1297** de 14 de agosto de 2002. Institui os Distritos de Baixa Quente, Cruzinha, Lagoa Grande e Ribeirão da Folha. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/minasnovas.pdf>> Acesso em: 23 de out. 2011.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.
- ROCHA, Gilmar. TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia & Educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. São Paulo: Graal, 1990.
- TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. Antropologia e educação- culturas e identidades na escola. *Magis. Revista Internacional de Investigación em Educacion*, Colômbia: Bogotá: Pontificia Universidade Javeriana, vol.3, n. 6, p. 413-431, 2011.
- WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Recebido em: 14/01/2014
Aprovado para publicação em: 28/04/2014